

Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos*

Mazzino Montinari

Resumo: Partindo do pressuposto de que toda interpretação filosófica de Nietzsche deve ter por base um trabalho filológico-histórico, o presente artigo visa a fazer uma apresentação do *Crepúsculo dos Ídolos*. Nesta perspectiva, reconstrói-se a gênese do livro do interior do projeto da Vontade de potência para, enfim, concluir que, do ponto de vista filosófico, *Crepúsculo dos Ídolos* mostra que é através do pensamento do eterno retorno que a superação da metafísica pode se realizar.

Palavras-chave: filologia – história – vontade de potência – eterno retorno

1. Em 3 de setembro de 1888, em um esplêndido, o mais belo dos dias que Nietzsche vira em Sils-Maria, na Engadina – “uma força luminosa de todas as cores, um azul no lago e no céu, uma claridade do ar, totalmente inesperada” – ele escreveu o Prefácio da “Transvaloração de todos os valores”. Nas semanas anteriores, sua vida se desorganizara; impulsionado pelo espírito, acordava muitas vezes às duas da madrugada e anotava o que antes lhe passara pela cabeça: nesses momentos, ouvia como seu senhorio abria a porta com cuidado e se esgueirava para caçar cabras alpinas (a Meta von Salis, 07.09.1888). Ele talvez também caçasse cabras alpinas... Estava no início de um novo trabalho e acreditava ter encontrado a forma de comunicá-lo, para publicar a obra independente “Transvaloração de todos os valores”, cujo primeiro livro cha-

* Artigo originalmente publicado em *Nietzsche-Studien*, 13, 1984.
Tradução de Ernani Chaves.

mava-se *O anticristo*. Mas, a partir do material reunido até então surgiu também um outro escrito, inicialmente intitulado “Ociosidade de um psicólogo” e, depois, *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Este era o resumo da sua mais essencial heterodoxia filosófica, a comunicação do resultado mais maduro do seu filosofar no último ano. Ambos, o projeto da “Transvaloração de todos os valores” em quatro livros e o *Crepúsculo dos ídolos*, surgiram do material da “Vontade de potência. Tentativa de uma Transvaloração de todos os valores”, obra entrevista até o fim de agosto de 1888.

2. Antes de mais nada, e para evitar mal-entendidos acerca das minhas considerações sobre *Crepúsculo dos ídolos*, gostaria de dizer que o trabalho editorial, filológico, é um trabalho preliminar, que ele *sozinho* não é suficiente para a compreensão de Nietzsche, mas que pode deixar o caminho livre para ela. A filologia, ou seja, a história, pode franquear em três aspectos o caminho para a compreensão do *Crepúsculo dos ídolos*:

- a) na medida em que o coloca como a formulação filosófica e artística de suas idéias entre o começo e o verão de 1888;
- b) na medida em que estabelece sua íntima conexão com os fragmentos póstumos e, com isso, com a totalidade do desenvolvimento das idéias de Nietzsche;
- c) na medida em que ela, através da exploração das fontes, coloca o *Crepúsculo dos ídolos* em uma frutífera conexão com o mundo anterior, contemporâneo e com a posteridade de Nietzsche.

Os fragmentos póstumos, no sentido amplo desta palavra, formam aqui o pano-de-fundo onde se desenha este momento separado de nós, mas também acoplado a nós. A história do surgimento do *Crepúsculo dos ídolos* é, ao mesmo tempo, a história das intenções literárias de Nietzsche em relação a todo o material que ele reunira até então, tendo em vista a “Vontade de potência”; isto significa que se decifra o mistério do *Crepúsculo dos ídolos* colocando-o em uma conexão primeira, uma conexão de todo modo *sui generis*, na medida, enfim, em

que devem ser encontradas as referências às fontes de Nietzsche, principalmente nos fragmentos póstumos. Gostaria de manter a diferença dos três pontos de vista, tal como os enumerei e fundamentei acima e isso pelas razões que se seguem: o primeiro ponto diz respeito ao *Crepúsculo dos ídolos*, na medida em que ele foi publicado, transmitido em uma forma muito específica; o segundo, na medida em que até a sua publicação ele era, em todo caso, parte de fragmentos igualmente bem específicos; o terceiro, na medida em que descobre as fontes, as leituras e os interlocutores de Nietzsche.

3. Acerca da função do *Crepúsculo dos ídolos* entre o *Caso Wagner*, publicado um pouco antes e os seus últimos escritos – *O anticristo*, *Ecce homo* – Nietzsche escreveu no “Prefácio”: “Este *pequeno* escrito é uma *grande declaração de guerra*”. Nietzsche se compreende em guerra pelo fortalecimento da “Transvaloração de todos os valores”, pelo questionamento dos deuses. Certamente não é examinado nenhum deus temporal, mas sim os deuses eternos, que aqui são espicaçados com o martelo, como com um tridente. O martelo, com o qual Nietzsche filosofa em seu livro, é mais o martelo do minerólogo do que a rude ferramenta da brutalidade; sim, um tridente, através do qual como resposta “ouve-se esse famoso som oco”, “que fala de entranhas insufladas”. O *Crepúsculo dos ídolos* contém 10 seções de extensão desigual. As “Sentenças e setas”, uma coletânea de 44 sentenças, correspondem a uma antiga tradição dos escritos de Nietzsche e também a um exercício literário neste gênero, com o qual nos deparamos, freqüentemente, em seus póstumos a partir de 1882. Elas são uma espécie de pré-paração (*Vor-Spiel*) séria para as exposições (*Abhandlungen*) filosóficas que se seguem.

A primeira máxima da coletânea – “A ociosidade é o início de toda psicologia. Como? Seria a psicologia um – vício?” – existia há sete anos nos manuscritos de Nietzsche. Ela era – além disso – pensada, originariamente, como uma retomada do primeiro título de *Crepúsculo dos ídolos* (“Ociosidades de um psicólogo”). Um caderno de anotações de Gênova, da época imediatamente anterior à redação da *Gaia ciência*, contém, de fato, o seguinte fragmento: “A ociosidade de Zaratustra é o

início de todos os vícios” (fragmento póstumo 12 (112) do outono de 1881; KSA, 9, p. 596) e, ao final, ainda como título: “A ociosidade de Zaratustra. de F(riedrich) N(ietzsche)” (fragmento póstumo 12 (225) do outono de 1881; KSA, 9, p. 616). Sete anos depois, Nietzsche não apenas retorna à sentença, mas também ao título. Neste meio-tempo, ele transcreveu a sentença em um caderno do início de 1888, em uma forma ligeiramente modificada: “A ociosidade é o início de toda filosofia. – Em conseqüência – é a filosofia um vício?...” (fragmento póstumo 11 (107) de novembro de 1887 a março de 1888; KSA, 13, p. 51). No manuscrito, filosofia; no livro publicado, psicologia: isto nos permite talvez compreender melhor o que Nietzsche pensava sob a palavra psicologia (e filosofia). Mas também (compreender melhor a conexão) Zaratustra – Filosofia – Psicologia. O *otium* filosófico como início de todos os vícios.

A ociosidade de Zaratustra tornou-se na primeira versão do título do *Crepúsculo dos ídolos*, “Ociosidade de um Psicólogo” (fragmento póstumo 22 (6) de setembro a outubro de 1888; KSA, 13, p. 586). Quando recebeu as primeiras folhas de correção da gráfica de Leipzig, Peter Gast (*aliás* Heinrich Köselitz), auxiliar e discípulo de Nietzsche, escreveu em 20 de setembro de 1888: “O título ‘Ociosidade de um psi(cólogo)’” soa-me demasiado modesto, quando me lembro como ele poderia agir sobre as pessoas comuns: o senhor dirigiu sua artilharia para as montanhas mais elevadas, o senhor tem canhões como nunca houve antes e precisa apenas atirar às cegas, para aterrorizar os arredores. Um passo de gigante sob o qual as montanhas estremecem nas origens, não é mais nenhuma ociosidade. Além disso, na nossa época, a ociosidade é costume *após* o trabalho e o *Mü* (de “*Müssigang*”) aparece também em *Müdigkeit* (cansaço).⁽¹⁾ Ah, eu suplico como só um homem incapaz deve suplicar: um título espetacular, brilhante”. A retórica de artilheiro deste Peter Gast encontrou ouvidos exagerados e até mesmo sua manifestação em algumas passagens do *Ecce homo*. Nietzsche respondeu sete dias depois (em 27.9): “No que diz respeito ao *título*, no seu reparo *tão humano*, minhas próprias reflexões lhe anteciparam: finalmente, a partir das palavras do *Prefácio*, encontrei a fórmula que também talvez satisfaça suas necessidades. O

que o senhor escreveu acerca da ‘grande artilharia’, devo simplesmente adotar em meio à escrita final do primeiro livro da ‘*Transvaloração*’. Caminha-se para uma horrível detonação”. O novo título – “Crepúsculo dos Ídolos” – era também uma maldade contra Wagner, como Nietzsche observara na mesma carta: Wagner compôs um “Crepúsculo dos deuses”. As detonações da Transvaloração encontrariam então sua conclusão desmesurada em toda “Lei contra o cristianismo”, que Nietzsche anuncia no “primeiro dia do ano um (em 30 de setembro de 1888 do falso calendário)”, no final de *O anticristo*. O Prefácio do *Crepúsculo dos ídolos* também era datado de 30 de setembro de 1888, “no dia em que foi concluído o primeiro livro da *Transvaloração de todos os valores* (isto é, *O anticristo*)”.

A impressão do *Crepúsculo dos ídolos* terminou no início de novembro. Neste meio-tempo – após a conclusão do manuscrito *O anticristo* – surgiu um outro escrito: *Ecce homo*. Neste, Nietzsche trabalhou até o fim de dezembro e o concluiu ao mesmo tempo que *Nietzsche contra Wagner* e os *Ditirambos de Dioniso*. *Ecce homo* fora pensado, inicialmente, como um apêndice do *Crepúsculo dos ídolos*; ele ganhou sua própria autonomia, mas manteve do *Crepúsculo dos ídolos* o último capítulo: “O que devo aos antigos”.

O *Crepúsculo dos ídolos* representa uma espécie de obra-gêmea de *O anticristo*, sobretudo da perspectiva da história de seu surgimento. Do mesmo modo que *O anticristo*, ele tem suas origens em um e mesmo material; eles até mesmo coexistem durante um longo tempo, em uma boa terça parte de um único manuscrito, isto é, as primeiras 24 seções de *O anticristo*. Isto aconteceu entre a desistência de Nietzsche em relação ao plano da “Vontade de potência” e o surgimento de uma nova idéia, a da “Transvaloração de todos os valores”, com quatro livros específicos, isto é, entre 26 de agosto e 3 de setembro de 1888.

4. O *Crepúsculo dos ídolos* dá ao leitor a impressão de uma coleção disparatada de pequenos ensaios que, em si, não são mais aforismos, sobretudo nos seis capítulos: “O problema de Sócrates”, “A ‘razão’ na filosofia”, “Como o ‘mundo verdadeiro’, enfim, tornou-se fábula”, “Mo-

ral como contra-natureza”, “Os quatro grandes erros”, “Os melhoradores da humanidade”. Pode-se reconhecer com exatidão, em cada um desses capítulos, o seu lugar nos diferentes planos da “Vontade de potência”, datados do começo/verão de 1888. Comum a esses diferentes planos é o destaque ao niilismo (e ao pessimismo) como sintoma, como expressão da *décadence*.

Assim, o “Problema de Sócrates” era o começo do capítulo “Filosofia como *décadence*” (fragmento póstumo do início de 1888, 15 (5); KSA, 13, p. 403), “Moral como contra-natureza” surge a partir de um texto sob o título de “Moral como tipo da *décadence*” (KSA, 14, p. 215), “Os quatro grandes erros” (que, não obstante, originariamente eram três), em um plano da “Vontade de potência” fazia parte do primeiro livro, cujos quatro livros tinham os seguintes títulos: I. Psicologia do erro; II. Os falsos valores; III. O critério de verdade; IV. Luta entre falsos e verdadeiros valores (fragmento póstumo 16 (86) do início ao verão de 1888; KSA, 13, p. 515-6). “Os melhoradores da humanidade” deveria formar o conteúdo do terceiro capítulo (Os bons e os melhoradores) no segundo livro (Proveniência dos valores) do último plano da “Vontade de potência” (26 de agosto de 1888) (fragmento póstumo 18 (17) de julho a agosto de 1888; KSA, 13, p. 537). “A razão na filosofia” aparece sob a rubrica de “Filosofia como idiossincrasia” e, em um outro plano como “O mundo verdadeiro e o aparente” (fragmento póstumo 18 (44) de setembro de 1888; KSA, 13, p. 543 e fragmento póstumo 14 (156) do início de 1888; KSA 13, p. 340 respectivamente). Finalmente, a parábola filosófica “Como o ‘mundo verdadeiro’, enfim, tornou-se fábula” (fragmento póstumo 14 (156) do início de 1888; KSA, 13, p. 340) deveria tornar-se – de acordo com um plano do início de 1888 – o primeiro capítulo da “Vontade de potência”; a preparação desta seção do *Crepúsculo dos ídolos* foi, de fato, transcrita no manuscrito “Primeiro capítulo”.

A restituição do texto do *Crepúsculo dos ídolos* ao seu lugar de origem nos manuscritos não conduz ao que estaria contido por inteiro nesses manuscritos, cuja origem se deve a uma determinada concepção do conjunto da “Vontade de potência”, algumas vezes diferente. Nenu-

ma dessas concepções de conjunto foi levada a cabo por Nietzsche. A esse respeito, mais um exemplo. O curto capítulo “Como o ‘mundo verdadeiro’, enfim, tornou-se fábula” pertence, como já foi mencionado, a um plano do início de 1888, no qual o erro da oposição entre um mundo verdadeiro e um mundo simplesmente aparente é apresentado como a premissa de um querer equívoco em relação à vida por parte dos filósofos (como tipos da *décadence*). Segue-se a ele um capítulo sobre a “Moral como expressão da *décadence*”, criticada como altruísmo, compaixão, cristianismo, espiritualização. O quarto capítulo examina a possibilidade de uma posição contrária à *décadence* na filosofia e na moral. O quinto deveria conter a crítica do presente como niilista, na qual um elemento afirmativo do presente é a boa consciência da ciência. No sexto capítulo, a Vontade potência deveria ser tratada como vida. Enfim, o sétimo e último capítulo, sob o sugestivo título de “Nós, *hiperbóreos*” diz o seguinte, de maneira impressionante, num plano que como todos os outros nunca foi realizado: “Puros lugares absolutos, por exemplo *Felicidade!* por exemplo História / ao final, monstruoso gozo e triunfo, *ter um puro e claro Sim e Não...* Salvação da *incerteza*” (fragmento póstumo 14 (156) do início de 1888; KSA, 13, p. 341).

O material mais antigo – fechamos nossa análise – é rubricado; novos textos aparecem até surgir um novo plano, inicialmente com pequenas divergências e talvez um outro, que com os dois ainda tem alguma semelhança. Assim sendo, no decorrer de outras meditações, são pensados outros planos, as divisões em capítulos são de novo restituídas ao invés daquelas dos livros, sua seqüência modificada, etc.

A partir desse fluxo de idéias, fixadas diferentemente, Nietzsche fez sua primeira seleção; ele terminou uma cópia, na qual os capítulos atuais do *Crepúsculo dos ídolos* foram transcritos juntamente com os primeiros 24 capítulos de *O anticristo*. Mas então ele decidiu, de um lado, comunicar o essencial de sua heterodoxia filosófica através das “Ociosidades de um psicólogo” (= *Crepúsculo dos ídolos*) e, por outro lado, atacar o projeto da “Transvaloração de todos os valores” em quatro livros específicos, enquanto iniciava *O anticristo*. Das ruínas da “Vontade de potência” que, entretanto, jamais fora um edifício, ele apanhou

o material utilizável para o *Crepúsculo dos ídolos* como o resumo de sua filosofia e transformou as idéias sobre o cristianismo trabalhadas anteriormente, na prosa forte e inventiva de *O anticristo*.

5. De volta ao texto do *Crepúsculo dos ídolos*, para os seus três últimos capítulos. “O que falta aos alemães”, mesmo que numa forma bastante divergente da versão definitiva era, originariamente, o “orgulhoso” Prefácio de 3 de setembro de 1888, do qual nos lembrávamos no início de nossa exposição. Neste sentido, Nietzsche escreveu para a “Transvaloração de todos os valores” o curto Prefácio atual, que podemos ler ainda no início de *O anticristo*. Soberanamente, Nietzsche dispôs sobre seus textos até o último momento, mesmo quando falava deles em suas cartas (neste caso, carta a Meta von Salis, de 7 de setembro de 1888). Para a maioria das 51 partes que, de acordo com o modelo dos livros de aforismos, formam o capítulo “Incursões de um extemporâneo” pode-se, ao contrário, encontrar uma data mais antiga de seu aparecimento. Uma parte deles, da 2ª à 4ª seção dos excertos existentes, ele os constrói novamente pequenos; outra parte, organiza de acordo com uma analogia de conteúdo, aforismos sobre escritores e artistas, sobre a modernidade, sobre questões relativas ao trabalho, política, etc. A proveniência desses excertos e aforismos é – mais uma vez – o material desordenado e não utilizado da “Vontade de potência”. Os excertos são de nº 8 a 11 (*CI*: Psicologia do artista; Fragmentos póstumos: Para a psicologia da arte); 19-21 (*CI*: Belo e feio; Fragmentos póstumos: *Aesthetica*. Ponto fundamental: o que é belo e feio?); 32-35 (*CI*: O imoralista fala. O valor natural do egoísmo. Cristo e os anarquistas. Crítica da moral da *décadence*; nos fragmentos póstumos, sem título, mas como textos correlacionados); o longo aforismo 36, “Moral para médicos”, pertence nos fragmentos póstumos a um extenso texto em três partes: 1. A reabilitação do suicídio (= *CI* 36); 2. uma seção sobre a proibição da propagação das doenças crônicas; 3. uma seção acerca da reabilitação da prostituição. Os dois últimos textos não foram incluídos por Nietzsche no *Crepúsculo dos ídolos*: talvez ele os tenha suprimido visando ao segundo livro da “Transvaloração de todos os valores” (“O

imoralista”). A partir do ponto de vista desse livro surgiram também as anotações espalhadas, a partir das quais Nietzsche compôs o longo aforismo 37 das “Incurções de um extemporâneo” (Se nos tornamos moralistas). As seções 38 (Meu conceito de liberdade) e 39 (Crítica da modernidade) formavam novamente nos fragmentos póstumos uma parte com o título: “A modernidade. *Vademecum* de um futuro vindouro”. Finalmente, a seção 45 das “Incurções” (O criminoso e o que lhe é aparentado), constituía uma continuação do texto dos póstumos mencionado acima acerca do suicídio, propagação das doenças e prostituição.

Originariamente, o *Crepúsculo dos ídolos* deveria ser concluído após os dois textos sobre Goethe (49 e 50) das “Incurções” com o seguinte texto (51):

“Perguntam-me, freqüentemente, porque escrevo em alemão, quando em nenhum outro lugar do mundo sou tão mal lido como na minha pátria. Quem sabe afinal se eu também *desejo* ser lido hoje? – criar coisas em que inutilmente o tempo experimenta seus dentes; buscar uma pequena imortalidade segundo a forma, *segundo a substância* – jamais fui suficientemente modesto para exigir menos de mim. O aforismo, a sentença, nas quais, sendo o primeiro, sou o mestre entre os alemães, são as formas da ‘eternidade’; minha ambição é dizer em dez frases aquilo que qualquer outro diz em um livro, – aquilo que qualquer outro não diz em um livro. Ofereci à humanidade o livro mais profundo que ela possui, o meu *Zaratustra*: breve, oferecer-lhes-ei o livro mais independente”.

Com este anúncio da “Transvaloração de todos os valores”, Nietzsche queria terminar o livro. O capítulo “O que devo aos antigos” foi incluído depois e, mais precisamente, durante a correção; Nietzsche o retirou de um texto volumoso, que ele entrevira como a primeira versão do *Ecce homo*.

Resumamos os resultados dessa abordagem crítica do texto do *Crepúsculo dos ídolos*: a redução do *Crepúsculo dos ídolos* aos fragmentos póstumos é uma operação sem sentido, caso se prometa através disso a reconstrução de uma obra – a “Vontade de potência”. O *Crepús-*

culo dos ídolos fornece, ao contrário, a justificativa para o fato de que Nietzsche desistira do projeto da “Vontade de potência”, que o ocupava desde setembro de 1885. Os pensamentos do *Crepúsculo dos ídolos* ganham seu pano-de-fundo genético, se forem lidos mais uma vez nas suas conexões originárias. Os fragmentos póstumos tornam-se aqui um complemento, na medida em que eles foram restringidos na obra publicada ou até mesmo suprimidos.

6. Chama a atenção de todo leitor do *Crepúsculo dos ídolos*, que Nietzsche utiliza uma nova terminologia: Sócrates como raquítico, bastardo e de desenvolvimento decadente, o criminoso típico como monstro, despotenciação, degenerescência e degenerado, fisiologia, psicologicamente degenerado, estado de necessidade fisiológica, sentimentos fisiológicos fundamentais, “nós fisiólogos”, aprisionamento pela doença, decadência e esgotamento – e, por toda parte, *décadence*: esta terminologia sinaliza em Nietzsche um desvio em direção à fisiologia contemporânea. Algumas semanas depois, seu espírito é vencido sob estes signos: em uma de suas últimas declarações, quer “homenagear a fisiologia”. Um esquisito ar de hospital sopra contra nós, de muitas páginas do *Crepúsculo dos ídolos*. A mesma coisa é válida para o *Caso Wagner*, panfleto redigido um pouco antes. Ou seja: quem não se defende de Wagner, é já ele mesmo signo de *décadence*, da *décadence fisiológica* e “O instinto é enfraquecido. Veste-se aquilo que deveria amedrontar. Coloca-se nos lábios o que mais rapidamente impulsiona para o abismo – Um exemplo? Deve apenas observar o regime que se prescreve para os anêmicos, os doentes de gota ou para os diabéticos” (*WA/CW* § 5). A invasão do medi-cínico (do processo de medicalização das condutas)⁽²⁾ é um distintivo do amortecido século XIX. Criminosos e prostitutas, alcoólatras e neuróticos, degenerados e loucos: *Dégénérescence et criminalité* é um tema popular dos fisiólogos, é o título de um livro de Charlés Féré que Nietzsche, no começo de 1888, pouco depois de sua publicação, estudou e anotou e a quem ele deve seu conhecimento acerca do regime das doenças no *Caso Wagner* e muitas outras coisas no *Crepúsculo dos ídolos*. Charles Féré (1852-1907) foi um médico dos

nervos e estagiário no serviço de Charcot, na famosa Salpêtrière de Paris. Sua sóbria obra acerca da degenerescência e da criminalidade fornece a Nietzsche importantes referências sobre o falso modo de vida e alimentação dos doentes, dos degenerados no sentido amplo que, exatamente a partir de sua degenerescência, escolhem arruinar-se. Os póstumos mostram, da mesma maneira que o *Caso Wagner* e o *Crepúsculo dos ídolos*, profundos traços da ocupação de Nietzsche com este fisiólogo. O conhecido aforismo 52 do livro conhecido como “Vontade de potência” (fragmento póstumo 15 (41) do início de 1888; KSA, 13, p. 433), um texto de caráter fisiológico, singularmente terrível acerca da ausência de compaixão na natureza para com os degenerados, não é um texto de Nietzsche, mas uma tradução dele de um trecho do livro de Féré: o que, sem dúvida, os compiladores da “Vontade de potência” não revelaram aos seus leitores! Ao mesmo tempo em que Nietzsche tentou acompanhar a mais recente situação da fisiologia, ele produziu para si mesmo e para seus contemporâneos conceitos e metáforas pregnantes. Isto é válido sobretudo para a complexa elaboração de uma fisiologia da arte, motivada pelas pré-condições fisiológicas do êxtase. Deste mundo de *morbidezza*, de aprisionamento pela doença, chegam outras vozes parisienses que Nietzsche ouvia com uma singular atenção, tal como pode-se concluir a partir dos póstumos e das citações referidas na obra: Paul Bourget e Ernst Renan, os irmãos Goncourt, Baudelaire e muitos outros escritores e cientistas menos importantes. A solidão de Nietzsche era algo bem diferente de um bloqueio contra contemporâneos e livros de contemporâneos. Recuperar este meio-ambiente vivo e histórico é um pressuposto necessário para lê-lo corretamente.

7. Um método de conversão (sobre o qual Heidegger já chamara a atenção); o destaque à *décadence* na filosofia, na religião, na moral, na política, na arte; a tentativa de mostrar a limitação fisiológica da *décadence*; o êxtase como o momento mais elevado da criação artística (fisiologia da arte): enfim, a recordação da “visão dionisiaca do mundo”. Com isso, queremos circunscrever o conteúdo do *Crepúsculo dos ídolos*.

A conversão acontece, de início, no plano da teoria do conhecimento: não é o mundo verdadeiro que tem realidade, mas a realidade é, exatamente, aquele mundo descrito pela filosofia como aparente; dividir o mundo em um “verdadeiro” e outro “aparente” é apenas uma sugestão da *décadence*. O mesmo vale para a moral: as paixões, a sensualidade, não devem apenas ser exterminadas, mas espiritualizadas. Mais ainda: não há nenhum sentido em dizer que o homem deve ser assim e assado. Deve-se afirmar, ao contrário, o império encantado dos tipos, de um profuso jogo de formas e de mudanças na realidade. A moral é uma degenerescência idiossincrática. Uma pessoa feliz e educada *deve* fazer certas ações e, instintivamente, se envergonha diante de outras ações. Sua virtude é consequência de sua felicidade (e não a felicidade consequência de sua virtude). Neste ponto, então, a moral a partir de Sócrates, através da igualdade entre razão, virtude e felicidade, que conduziu a guerra contra os instintos, tornou-se uma expressão da *décadence*; o moralismo da filosofia grega a partir de Platão era patologicamente limitado; os instintos devem perder – esta é a fórmula da *décadence*. Sócrates sabia que era doente, Sócrates quis morrer.

Esta e outras confrontações com a *décadence* devem ser compreendidas de acordo com o princípio estabelecido por Nietzsche nos póstumos: o pessimismo não é nenhum problema, mas apenas sintoma, o nome correto para isso é niilismo; entretanto, “o niilismo não é nenhuma causa, mas apenas a lógica da *décadence*” (fragmento póstumo 14 (86) do início de 1888; KSA, 13, p. 265). Valores niilistas, valores decadentes conduzem à dominação sob os nomes mais sagrados. Onde falta vontade de potência, há decadência. Todos os valores nos quais a humanidade resume seus mais elevados desejos são valores da *décadence*. Assim o diz Nietzsche em *O anticristo*. Mas, ao lado desse processo de pensamento que se orienta pelo conceito de vontade de potência, há um outro no *Crepúsculo dos ídolos*, do qual Nietzsche queria tratar no quarto livro (“Dioniso filósofo”) da “Transvaloração de todos os valores”. Ele não chegou até aí e, neste sentido, somos instruídos pela execução do *Crepúsculo dos ídolos*. Com as palavras de Nietzsche: o valor da vida não pode ser julgado, a vida não permite o juízo de um ser em particu-

lar, porque este faz parte desta própria vida. “O indivíduo é parte do *fatum*, à frente e atrás, é uma lei a mais, uma necessidade a mais para tudo o que chega e virá. Dizer-lhe ‘muda tua natureza’ é desejar uma transformação do todo, até mesmo uma transformação do passado...” (GD/CI§§ 5 e 6). “Somos necessários, somos um fragmento do destino, formamos parte do todo, estamos no todo: não há nada que possa dirigir o nosso ser, medí-lo, compará-lo, julgá-lo... *Não há nada fora do todo!* – Que ninguém mais possa ser responsabilizado, pois o ser não deve se referir a uma causa primeira, pois o mundo não é nem uma unidade como sensação, nem como ‘espírito’, *eis a primeira grande libertação*, – com isso restaura-se a *inocência do vir-a-ser*... O conceito ‘Deus’ era até aqui a maior *objeção* contra a existência... Nós negamos Deus, nós negamos a responsabilidade em Deus: com isso, antes de mais nada, redimimos o mundo-” (GD/CI§ 8). “O poder que não tem mais necessidade de nenhuma justificativa, que desdenha o agradecer, que dificilmente contesta, que não vê testemunhas em volta de si, que vive sem a consciência de que há oposições contra ele; que nele descansa, fatalisticamente, uma lei entre as leis (...)” (GD/CI § 11). Um espírito tornado livre como Goethe “aparece no centro do universo com um fatalismo feliz e confiante, na *crença* de que apenas o indivíduo é condenável, que na totalidade tudo se resolve e se afirma – *ele não renega mais*... Mas, uma tal crença é a maior de todas as crenças”. Nietzsche “a batizou com o nome de *Dioniso*” (GD/CI § 49 e 50). “A afirmação da vida até em seus problemas mais estranhos e duros; a vontade de viver, regozijando-se no *sacrifício* de seus tipos mais elevados da própria inesgotabilidade – *isso chamei de dionisíaco*”; o poeta trágico quer ser ele mesmo “o eterno prazer do vir-a-ser”, “todo prazer que em si *encerra ainda o prazer na destruição* (...)”. “O *nascimento da tragédia* – assim conclui Nietzsche o *Crepúsculo dos ídolos* – foi a minha primeira transvaloração de todos os valores: com isso, retorno novamente ao solo do qual cresceu meu querer, meu poder – eu, o último discípulo do filósofo Dioniso, – eu, o mestre do eterno retorno...” (GD/CI § 5).

Esta posição, no fim, do pensamento do eterno retorno do mesmo, não me parece ocasional. Este é um pensamento que está na conclusão

de toda uma história de vida e paixão. Através de sua afirmação, a vida torna-se justificada, o mundo redimido, quando toda a dura realidade da vida for percorrida por uma vontade de potência múltipla. Este pensamento não se deixa compreender por fórmulas, ou melhor, todas as suas formulações são provisórias e superáveis, na medida em que abarca num todo a vida, o mundo e o tempo, mas não de forma transcendental, porque ele já expressa a totalidade. Através dele acontece a confirmação da imanência após a morte de Deus. Ele é, de fato, a maior justificativa da vida e, nesta medida, está em oposição ao que calunia a vida; mas porque isto é parte da vida, é também justificado e não julgável. Neste sentido, o pensamento do eterno retorno não oferece à vida aquilo que, como tal, o perspectivismo da vontade de potência precisa. Não se entrega o conhecimento do eterno retorno a preço de pechincha. Por conseguinte, existe uma tensão no pensamento do eterno retorno, considerado por um lado como fundamento especulativo último, como inocência do vir-a-ser, como redenção do mundo, como a mais elevada forma de afirmação da vida e (por outro lado) como confrontação com situações particulares, seja a filosofia até então, ou a modernidade, o niilismo e a *décadence*, a moral ou a religião, uma tensão que não é superada, que por princípio *não* deve ser superada. Uma sistematização geral da vontade de potência como princípio eliminaria, por um lado, a resolução da luta necessária ao perspectivismo e, por outro, se igualaria à construção de uma metafísica da vontade de potência (análoga à metafísica schopenhaueriana da vontade de vida). Mas, a presença do pensamento do eterno retorno impede toda sistematização. Agora, entendemos o sentido profundo da máxima de *Crepúsculo dos ídolos*: “A vontade de sistema constitui uma falta de lealdade” (GD/CI § 26).

O sentido filosófico do *Crepúsculo dos ídolos* não é uma sistemática da Vontade de potência, mas sua superação no pensamento do eterno retorno do mesmo.

Abstract: Starting from the idea that the philosophical interpretation of Nietzsche has to have as its basis the philological-historical work, this article aims to present *The twilight of idols*. It rebuilds the genesis of the book in the context of the “Will to power”’s project.

Key-words: philology – history – will to power – eternal recurrence

Notas

- (1) Peter Gast destaca que as palavras “Müßigang” (“ociosidade”) e “Müdigkeit” (cansaço) iniciam com a mesma sílaba “Mü”. Mesmo que as palavras em português não tenham esta mesma afinidade há, contudo, uma afinidade de sentido quando se diz, por exemplo, “estou cansado de não fazer nada” ou “a ociosidade cansa”, da mesma maneira que também se “acredita” em português que “a ociosidade é a mãe de todos os vícios” (N.T.).
- (2) Ao separar pelo hífen a palavra “Medizinisch” (que indicaria para o processo de “medicalização” das condutas no século XIX), Montinari, por aliteração, faz soar o “zynisch” (cínico) e, com isso, acentua o aspecto moralizador, do ponto de vista médico-psiquiátrico, do estudo das degenerescências. Basta lembrar os inúmeros estudos a respeito – de Foucault aos historiadores da psicanálise (N.T.).